

A ESCOLARIDADE COMO ESTRATÉGIA PARA A INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO NA RMS-REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR.

Jamile dos Santos Silva^{*}
Ângela Maria Carvalho Borges^{**}

Resumo: *Atualmente, a educação formal e a qualificação profissional vêm sendo constantemente utilizadas como estratégia principal no enfrentamento de um mercado de trabalho cada vez mais restrito e exigente no que tange às competências e, sobretudo, à posse de diplomas. A valorização da escolaridade serve também ao discurso, muito propagado, que aponta a baixa escolaridade como uma das causas principais para as altas taxas de desemprego entre os jovens. Neste artigo busca questionar este discurso, investigando a real importância da educação formal no processo de inserção no mercado de trabalho dos jovens entre 18 e 29 anos de idade residentes na Região Metropolitana de Salvador, nos anos de 1995 e 2005.*

Palavras-chave: Jovens; Mercado de Trabalho; Educação.

INTRODUÇÃO

Este estudo é parte integrante de uma pesquisa mais ampla sobre a inserção do jovem no mercado de trabalho da RMS - Região Metropolitana de Salvador, realizada através da análise e interpretação de dados empíricos baseados na PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios para os anos de 1995 e 2005. A análise dos dados permitiu ver a evolução da escolaridade, assim como o peso da participação na atividade econômica, através das taxas de ocupação e de desemprego dos jovens entre 18 e 29 anos de idade. Aliado aos dados utilizou-se também a revisão bibliográfica dos estudos realizados no Brasil que tratam da temática do jovem e sua relação com o trabalho e estudo.

As transformações ocorridas na década de 90 fornecem elementos para compreender as mudanças ocorridas no padrão de inserção ocupacional dos jovens. A instauração de um novo modelo político e econômico caracterizado pela abertura da economia ao capital estrangeiro, a livre concorrência dos mercados em função da globalização da economia, e a diminuição no papel do Estado como principal regulador deste mercado, contribuíram para uma nova dinâmica no mercado de trabalho.

Este período, no Brasil, foi marcado por um baixo crescimento econômico, pela queda na produção do setor industrial, setor este responsável por absorver grande parte da mão-de-obra. Esta queda irá ocasionar uma diminuição no número de postos de trabalho e uma redução no número de empregos formais com carteira assinada. Apesar de ter havido também neste período um crescimento no setor de serviços, este de forma geral não conseguiu absorver suficientemente a grande oferta de mão-de-obra deixada pelo setor industrial, resultando no aumento das taxas de desemprego no país.

^{*}Graduanda do 7^a semestre em Serviço Social e bolsista de Iniciação Científica (bolsa FAPESB) do Núcleo de Estudos do Trabalho (NET). (myles.jam@gmail.com.br)

^{**}Doutora em Ciências Sociais, Professora da Escola de Serviço Social e do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania da UCSal e pesquisadora do Núcleo de Estudos do Trabalho. (angelamc@ucsal.com.br)

A partir dessas transformações, avança a precarização do trabalho, a flexibilização das relações trabalhistas e das condições de trabalho, inaugurando uma fase marcada pela desestruturação do mercado de trabalho e confirmando uma tendência que já se iniciava nos anos 80.

Esta desestruturação do mercado de trabalho nos anos 90 afetou todos os trabalhadores no sentido que subtilizou a sua força de trabalho, enfraqueceu o poder de luta dos trabalhadores e dos sindicatos, e ocasionou a perda de muitos dos seus direitos conquistados e já estabelecidos na legislação trabalhista brasileira.

Essas mudanças fizeram com que o espaço no mercado de trabalho se tornasse mais restrito, em consequência disso surgiram novos tipos de ocupação, de vínculos empregatícios e novas formas de incorporação da força de trabalho caracterizadas pela precarização, com a instabilidade do emprego, terceirização e subcontratação generalizadas, além do aumento do trabalho informal e de perdas das proteções trabalhistas.

Esse conjunto de características vai marcar também a incorporação da força de trabalho juvenil que historicamente, no mercado de trabalho, integra a força de trabalho secundária (assim como as mulheres), por fazer parte de um grupo que, a princípio, teria maiores possibilidades de garantir sua subsistência fora do mercado de trabalho, por sua renda ser considerada complementar na formação da renda familiar e pela preferência que muitos têm por uma jornada mais reduzida para se dedicar a outras tarefas primordiais em sua vida, como os estudos. Sendo assim, o mercado de trabalho acaba por eleger os jovens como segmento populacional mais propenso a atividades temporárias informais.

Portanto, é importante salientar que nos anos 90 as mudanças ocorridas no padrão de incorporação da força de trabalho, no contexto do processo de reestruturação produtiva, atingiram os trabalhadores em geral, mas, sobretudo, os jovens.

O MERCADO DE TRABALHO E A ESCOLARIDADE DOS JOVENS.

As metamorfoses ocorridas na economia durante a década de 90 refletiram não só no mercado de trabalho brasileiro, mas também na Educação no Brasil.

A introdução de novas tecnologias, de novos padrões de consumo, a valorização de habilidades pessoais e a exigência de trabalhadores com um maior nível de conhecimento por parte do mercado de trabalho, contribuíram para que a educação e a qualificação profissional ganhassem um maior destaque. Borges, em seus estudos sobre o mercado de trabalho e escolaridade, afirma que:

Desde o desenvolvimento da indústria moderna, mudanças na base técnica e reestruturação produtiva sempre resultaram em novas e maiores exigências quanto à escolaridade dos trabalhadores, originando um movimento de qualificação dos postos de trabalho e seus ocupantes. (BORGES, 2006, p.87)

Essas exigências vão compor um perfil de empregabilidade baseado em habilidades conhecimentos e competências pessoais, aumentando assim a competitividade entre os trabalhadores. Esta competitividade fará com que os ganhos de escolaridade obtidos através da educação formal sejam considerados um fator imprescindível por parte dos trabalhadores, na garantia de uma boa qualificação profissional para futura inserção no mercado de trabalho.

A permanente busca pela qualificação profissional é oriunda também de um discurso que em sua base é contraditório, mas comumente propagado pelo mercado, discurso este que explica as dificuldades encontradas pelos trabalhadores não pelos enxugamentos das empresas com

vistas a uma redução de custos e ao aumento de lucro, e sim, pela carência de profissionais enquadrados neste novo perfil de empregabilidade, o que em certa medida acaba culpabilizando os trabalhadores pelas altas taxas de desemprego e também os influencia, os mais jovens – mas não somente eles –, a buscarem níveis mais elevados de escolaridade e, sobretudo, os diplomas universitários, mais valorizados pelo mercado e ainda considerados importantes na batalha pelo primeiro emprego.

A batalha pelo primeiro emprego é uma experiência difícil que atinge a maioria da população jovem, originando um fenômeno típico da juventude, o desemprego de inserção, que revela as dificuldades encontradas pelos jovens para se incorporarem ao mercado de trabalho nas formas tradicionais de ocupação, dificuldades agravadas pela exigência de experiência anterior por parte da maioria das empresas.

É por essa razão que Pochmann afirma que:

O jovem termina marginalizado no mercado de trabalho, com problemas tanto para encontrar emprego, quanto para se manter em um emprego regular. As oportunidades existentes são muitas vezes associadas às ocupações parciais, atípicas, não assalariadas e assalariadas sem registro, além, é claro, desemprego em larga escala. (POCHMANN, 1998, pg 2557).

Como dito, essa dificuldade na busca do primeiro emprego, que contribuiu para o aumento da escolaridade pois parcelas significativas dos jovens – quando a família tem condições financeiras para tanto –, vêm adiando sua entrada no mercado de trabalho por estarem se dedicando mais ao estudo, buscando garantir uma entrada madura e altamente qualificada num mercado de trabalho cada vez mais seletivo e exigente.

Em paralelo às mudanças no mercado de trabalho, nos anos 90, houve também uma melhoria significativa no quadro educacional, demonstrada nas quedas das taxa de analfabetismo, no aumento da escolaridade média e na frequência escolar dos jovens, quando comparados às gerações anteriores (POCHMANN, 2004). Esses resultados se confirmaram também para a Região Metropolitana de Salvador onde, segundo a PNAD, entre 1995 e 2005 observou-se uma elevação de 55,3% para 58,4% na proporção de jovens entre 18 e 19 anos que frequentavam a escola.

Neste período ocorreu também um crescimento de 27,5% para 46,6% da proporção de jovens com escolaridade equivalente ao ensino médio completo ou mais.

Um outro dado que traduz a melhoria no quesito educação foi a diminuição da proporção de jovens entre 18 a 29 anos de idade sem nenhuma instrução ou com, no máximo, até três anos de estudo, de 17,0 % em 1995 para 7,0 % em 2005. Não se pode deixar de ressaltar, entretanto, que esses ganhos quantitativos estão acompanhados de uma queda acentuada na qualidade do ensino, o que tem repercussão negativa sobre a qualificação real dos novos trabalhadores e contribui para a desvalorização dos diplomas.

A elevação nos níveis de escolaridade dos jovens da RMS é acompanhada da sua crescente participação no mercado de trabalho: em 2005 a taxa de participação dos jovens entre 18 e 29 anos subiu de 75,6% para 81,6% e, no mesmo ano, 45,3% desses jovens já estavam fora da escola e somente trabalhavam, sendo a maior proporção de homens (53,7% contra 37,3%, no caso das mulheres). Este dado resulta da desigualdade de renda entre os jovens, pois são os mais pobres que interrompem precocemente os estudos mas, de qualquer modo, mostra não só disposição deste segmento social para o trabalho mas, também, a importância da sua contribuição para a formação da renda familiar, que cada vez menos é garantida primordialmente pelo chefe provedor.

Quando combinadas as duas atividades - trabalho e estudo – vê-se que uma parcela minoritária (15%) dos jovens metropolitanos apenas estuda e outro tanto (15,1%) acumula as duas atividades, sendo maior o número de mulheres que apenas estudam em comparação aos homens (16,5% contra 13,1% em 2005). Finalmente, em 2005, nada menos que 24,7 % dos jovens da RMS entre 18 e 29 anos não estudavam nem trabalhavam, um indício da elevadíssima proporção deles que se encontra em situação de vulnerabilidade social.

A participação na ocupação superior ao peso da população juvenil e as taxas de desemprego mais baixas dos que alcançaram mais de 11 anos de estudo confirmam a vantagem dos jovens mais escolarizados, que aumentaram de 29,4% em 1995 para 51,1%, em 2005, a sua participação no estoque de jovens ocupados (ver quadros 1 e 2).

QUADRO 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 18 A 29 ANOS POR ESCOLARIDADE, SEGUNDO O SEXO E A CONDIÇÃO DE ATIVIDADE E DE OCUPAÇÃO, RMS, 1995 - 2005

Região e Escolaridade	PIA	PEA	OCUPADOS	DESOCUPADOS
1995				
Sem Instrução/Até 3 anos	17,0	17,3	17,8	14,2
De 4 a 7 anos	33,7	33,2	33,1	33,5
De 8 a 10 anos	21,8	19,9	19,7	21,2
Mais de 11 anos	27,5	29,6	29,4	31,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
2005				
Sem Instrução/Até 3 anos	7,6	6,4	6,8	5,1
De 4 a 7 anos	20,7	20,1	19,8	20,9
De 8 a 10 anos	25,2	24,0	22,3	28,8
Mais de 11 anos	46,6	49,6	51,1	45,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: IBGE/PNAD

Por fim, cabe destacar a taxa de desemprego dos jovens, a qual, a literatura sobre o assunto considera como indicador de um desemprego estrutural, ou seja, sempre foram elevados os índices de desemprego entre os mais jovens na América Latina. Madeira, em seu estudo sobre o desemprego do jovem, afirma que: “As estatísticas no Brasil e em todo mundo mostram que, mesmo em períodos de crescimento da economia e decréscimo dos níveis de emprego globais, o desemprego juvenil não diminui, pelo menos na mesma proporção, sendo também comum a sua expansão exatamente nestes períodos” (MADEIRA, 1998, pg. 457).

A taxa de desemprego calculada por faixa de escolaridade permite verificar se a escolaridade vem realmente garantindo a inserção do jovem no mercado de trabalho. A taxa global de desemprego juvenil cresceu, na Região Metropolitana de Salvador, de 14% para 26% no período 1995 - 2005, espelhando o elevado desemprego dos jovens baianos, um dos mais altos do país.

Como mostram os dados do Quadro 2, as taxas mais elevadas atingem, principalmente, aqueles que já completaram o ensino fundamental e/ou estavam cursando o ensino médio (31%, em 2005), mas também a taxa dos que tinham 11 anos ou mais de estudo (Ensino Médio completo e/ou superior incompleto) era bastante elevada (23,6%, em 2005), o que demonstra que grande parte dos jovens mais escolarizados também encontram dificuldades no mercado de trabalho. Assim, na distribuição dos jovens desempregados por escolaridade, o que mais se

destaca é o grupo com 11 ou mais anos de estudo: as suas taxas de atividades são mais elevadas, mas observou-se que também aumentou sua participação no total de desempregados (de 31% para 45,1%).

É curioso observar que as taxas de desemprego dos jovens que não têm instrução ou possuem até três anos de estudo mostram que eles ainda têm algum espaço no mercado de trabalho, mesmo que seja em ocupações mais precárias.

QUADRO 2 - TAXA DE ATIVIDADE E TAXA DE DESEMPREGO DOS JOVENS DE 18 A 29 ANOS POR ESCOLARIDADE E SEXO, RMS, 1995 - 2005

Região e Escolaridade	TAXA DE ATIVIDADE	TAXA DE DESEMPREGO		
		TOTAL	Feminino	Masculino
R.M.Salvador				
1995				
Sem Instrução/Até 3 anos	75,6	11,5	13,2	10,3
De 4 a 7 anos	73,2	14,1	18,2	11,5
De 8 a 10 anos	67,9	14,9	20,1	11,1
Mais de 11 anos	79,9	14,6	17,4	10,9
TOTAL	74,3	14,0	17,5	11,0
2005				
Sem Instrução/Até 3 anos	68,5	20,9	28,4	17,6
De 4 a 7 anos	79,1	26,9	37,6	20,4
De 8 a 10 anos	77,8	31,0	39,1	24,0
Mais de 11 anos	86,8	23,6	27,6	18,7
TOTAL	81,6	25,9	32,0	20,3

FONTE: IBGE/PNAD

Finalmente, as desigualdades entre os jovens aparecem principalmente nas taxas de desemprego específicas para gênero, já que as mulheres possuem taxas superiores à dos homens em todos os níveis de escolaridade, pois aquelas com mais de 11 anos de estudo apresentavam, em 2005, uma taxa de desemprego de 27,6%, contra uma taxa masculina sensivelmente menor (18,7%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conformidade com o que foi dito anteriormente, foi possível notar que os impactos da reestruturação produtiva foram desvantajosos para todos trabalhadores, mais em específico para os jovens, que historicamente tiveram sua força de trabalho desvalorizada quando comparados aos trabalhadores adultos.

A análise dos dados sobre a escolaridade dos jovens mostra que ela se destaca como a principal estratégia usada por este segmento no enfrentamento do desemprego e para a conquista do primeiro emprego, confirmando a atual geração como a geração mais escolarizada relativamente às gerações passadas. Os dados indicaram também que os ganhos de escolaridade, em certa medida, garantem a vantagem dos jovens mais escolarizados no mercado de trabalho, em comparação com aqueles que têm um baixo nível de escolaridade e aqueles que abandonaram os estudos mas, apesar disso, mostram também que ainda persiste o crescimento do desemprego para toda população jovem, inclusive os mais escolarizados.

A partir disto, pode-se concluir que o problema do desemprego não será solucionado apenas com mudanças no perfil dos trabalhadores, através da obtenção de maiores níveis de escolaridade ou de uma alta qualificação profissional. A sua solução depende também, e principalmente, da maior geração de postos de trabalhos para este segmento populacional, que vem se esforçando, cada vez mais, para se adequar às mudanças tecnológicas e produtivas, desenvolvendo as competências e habilidades que o mercado vem exigindo atualmente.

REFERÊNCIAS

BORGES, A. **A inserção dos jovens baianos no mercado de trabalho nos anos 90. 10 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente.** Salvador, UNICEF, 2001, p. 55-69.

BORGES, A. **Educação e mercado de trabalho. Elementos para discutir o desemprego e a precarização dos trabalhadores escolarizados.** In Gestão em ação/ Programa de Pós Graduação da UFBA; ISP/ UFBA, Salvador. Vol. 9. n.1.janeiro/ abril ,2006

POCHMANN, Marcio. **Emprego e desemprego dos jovens no Brasil nos anos 90.** São Paulo: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: ABEP, 1998, p. 2547-1562.

_____. **A batalha pelo primeiro emprego.** São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

_____. **Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa?** Educ. Soc. São Paulo, vol. 25. n.87. Ago. 2004, p.383 - 399.

MADEIRA, Felícia Reicher & RODRIGUES, Eliana Monteiro. **Recado dos jovens: mais qualificação.** In: Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD, 1998. V.2, p. 427-496.

MADEIRA, Felícia Reicher. **Educação e desigualdade no tempo de juventude.** In Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? .Org. Ana Amélia Camarano. 2006.